

PATRULHAS: EXPERIÊNCIAS OBTIDAS NA MINUSTAH

Capitão Brivaldo Luiz Lopes Silva

O Capitão de Infantaria Brivaldo é instrutor do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Recife. Foi declarado aspirante-a-oficial em 2005 pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Possui os cursos de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), Básico Paraquedista, de Mestre de Salto e de Polícia do Exército. Na Marinha do Brasil, realizou o Curso Expedito de Operações no Pantanal no Grupamento de Fuzileiros Navais de Ladário. Serviu no 14º Batalhão de Infantaria Motorizado, no 27º Batalhão de Infantaria Paraquedista e no 4º Batalhão de Polícia do Exército. Integrou o 23º Contingente do Batalhão Brasileiro de Força de Paz (BRABAT) da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH) em 2016 (brivaldoluiz@hotmail.com).



Antes do tema em tela ser abordado, é imprescindível uma contextualização sobre a Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (MINUSTAH).

Nas eleições presidenciais e parlamentares de 2000, a oposição e a comunidade internacional contestaram os resultados e acusaram o governo haitiano de manipulação do pleito, cuja vitória era reivindicada pelo então presidente Jean-Bertrand Aristide e seu partido, mesmo com um comparecimento exíguo da população nos locais de votação, girando em torno de apenas 10%. A oposição começou a ser reprimida pela Polícia Nacional Haitiana (PNH), bem como por grupos armados ilegais.

Ao final do ano de 2003, a oposição se uniu e passou a reivindicar a renúncia do presidente e, no início de 2004, um conflito armado foi desencadeado na cidade de Gonaïves e se espalhou por outras cidades, liderado por ex-membros das Forças Armadas Haitianas.

A oposição armada ameaçou invadir a capital haitiana, provocando a saída do país do Presidente Aristides, em 29 de fevereiro. Em consequência, o presidente da Suprema Corte foi nomeado presidente interino e pediu

auxílio internacional, incluindo autorização para a entrada de tropas militares no Haiti.

De acordo com o pedido, o Conselho de Segurança adotou a Resolução 1529, desdobrando no Haiti a *Multinational Interin Force* (MIF), no período de março a junho de 2004, que antecedeu a MINUSTAH, com integrantes de tropas norte-americanas, canadenses, chilenas e francesas.

A MINUSTAH foi criada em 30 de abril de 2004, por meio da Resolução 1532, do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), contando com aprovação das autoridades haitianas, em virtude dos acontecimentos internos do Haiti que colocaram em risco a paz e a segurança em âmbito regional.

A Resolução 1532, que está sob a égide do Capítulo VII da Carta da ONU, autoriza o uso da força letal para situações além da legítima defesa própria e de terceiros, demonstrando a necessidade de se fazer cumprir o Mandato da ONU. Chamadas de Operações de Paz Robustas, com aspecto multidimensional, são constituídas de agências civis e componentes policial e militar, atuando de maneira integrada.

O presente artigo é enriquecido por informações extraídas dos relatórios finais de diversos contingentes, bem como pelas experiências de seus integrantes.

PATRULHAS

As patrulhas são essenciais, desde que adequada e oportunamente planejadas e executadas, proporcionam importantes vantagens ao comando. O preciso relato de tudo o que ocorra durante a execução de uma patrulha, bem como a presteza de remessa dos relatórios ao escalão superior, proporcionará ao comandante tempo útil para decidir com base nas informações recebidas.



motorizadas, por razões meteorológicas ou topográficas. Por este motivo, somente a patrulha a pé tem condições operacionais para atender às mais diversas situações nas operações de paz. Em áreas edificadas, quando as condições de segurança permitirem, será vantajoso empregar patrulha a pé. Isso permitirá um melhor contato com a população, o que é de gran-

No contexto das operações de paz, as finalidades de uma patrulha são, entre outras: confirmar ou supervisionar trégua de cessar-fogo, obter informações, controlar áreas que não possam ser cobertas pelos postos de observação, manifestar a presença da força de paz, proporcionar segurança à comunidade, inspecionar áreas, de forma a prevenir infiltrações, e detectar minas, explosivos, vigiar fronteiras ou limites, proporcionar ligação física entre postos de observação e posições isoladas, interpor-se entre facções em pequenos conflitos localizados, evitando confrontações, e garantir a livre circulação de pessoas e de bens.

Na MINUSTAH, foram executados vários tipos de patrulhas, dos quais merecem destaques as patrulhas a pé, motorizadas, mecanizadas, lacustre, helitransportada, de longo alcance e conjuntas.

Com relação às patrulhas a pé, considerando que as áreas atribuídas a uma unidade de força de paz são muito mais extensas do que nas operações de guerra, podemos listar algumas limitações da patrulha a pé comparadas às patrulhas motorizadas, como a redução na flexibilidade de emprego, no alcance operacional, na capacidade de transporte e na capacidade de comunicações. A patrulha a pé, apesar da sua limitação em relação ao alcance, tem, em contrapartida, a vantagem de poder atuar em áreas inacessíveis às patrulhas

de importância para todas as operações da ONU. O contato amistoso com os moradores locais pode, também, resultar em informes que deverão ser analisados por elementos de inteligência e poderão trazer grandes contribuições para as operações.

As patrulhas motorizadas mais bem empregadas nas seguintes situações: efetivo reduzido, área de responsabilidade (*area of responsibility* - AOR) extensa e necessidade de rapidez na obtenção de informes. Na comparação com as patrulhas a pé, as patrulhas motorizadas apresentam algumas vantagens como maior mobilidade, maior área de atuação, maior número de patrulhas num curto intervalo de tempo, maior alcance e segurança nas comunicações, proporcionados pelas características dos equipamentos-rádio e antenas veiculares, facilidade de atuação nos períodos noturnos e de baixa visibilidade, em razão do uso de faróis e holofotes instalados nas viaturas da ONU. As patrulhas motorizadas sofrem limitações devido às características do terreno, condições climáticas e meteorológicas, características das viaturas e a existência de obstáculos como valas, carcaças de veículos queimados e lixo, que demandam trabalhos de engenharia no local dos mesmos. Sua maior limitação é mais psicológica do que física, impulsionados pela monotonia e tendência ao



sono, particularmente nos períodos noturnos e chuvosos. Para ser produtiva na coleta de dados, em certos pontos de observação, a patrulha deve parar a viatura, desligar o motor e prosseguir na missão a pé. Isto é particularmente importante durante períodos de visibilidade reduzida. Os locais escolhidos para observação, frequentemente, devem ser mudados e o tempo de observação variado.

Levando em consideração que as tropas em operações de paz geralmente possuem veículos blindados de transporte de tropa (VBTP), as patrulhas mecanizadas são muito úteis em área de risco, por proporcionarem maior proteção devido à proteção blindada e ação de choque, produzindo um excelente efeito dissuasório em toda a região patrulhada.

As patrulhas aéreas podem ser empregadas para confirmar informes provenientes de fontes terrestres. Conforme a disponibilidade, pode-se lançar mão de meio aéreo não-tripulado, guiado à distância por controle remoto que, dotado de câmera de vídeo, pode substituir o ser humano, reduzindo o risco de perdas. Apresenta as vantagens de obter dados em tempo real, de poder ser utilizado

em áreas de risco ou nas situações em que não haja permissão para o voo. Em relação às patrulhas motorizadas, a patrulha aérea apresenta a vantagem de cobrir uma maior área num menor intervalo de tempo e permitir a observação em elevações e áreas de difícil acesso. Contudo apresenta as seguintes limitações: suscetibilidade a condições climáticas e meteorológicas adversas, restrições impostas por algumas das partes em conflito, especialmente quando há constantes ameaças de guerra aérea e antiaérea, restrições

de altitude para o voo impostas pela ONU para não comprometer a segurança das aeronaves, restrições de voo em virtude da possibilidade de interferência com o tráfego aéreo civil, dificuldades no estabelecimento e manutenção de redes de comunicação terra-ar.

As patrulhas helitransportadas se constituem num importante meio para o comando intervir no combate, possibilitando o deslocamento de tropas para lugares longínquos e de difícil acesso. No entanto, ficam restritas à capacidade da aeronave, aos locais de pouso adequados, além de possuírem as mesmas restrições das patrulhas aéreas. Após o desembarque da aeronave, seguem os mesmos preceitos das patrulhas a pé.

Além das missões acima descritas, as aquavias são percorridas pelas patrulhas fluviais, lacustres e ribeirinhas, que empregam botes de assalto para reconhecer, conquistar ou manter o controle dessas áreas. Sempre que possível, essas patrulhas devem ser coordenadas com o reconhecimento aéreo. Suas principais vantagens são: maior velocidade, raio de ação, capacidade de carga e poder de

combate, além de proporcionarem um menor desgaste físico aos homens. Entretanto, as patrulhas ribeirinhas apresentam como desvantagens: a canalização do movimento em função dos cursos de água e lagos existentes, a maior vulnerabilidade às vistas e fogos da força adversa e a dependência da disponibilidade de botes, que podem comprometer o sigilo pela utilização do motor de popa.

As patrulhas de longo alcance conseguem obter mais dados pela melhor cobertura da área, além da combinação de tarefas realizadas de acordo com a situação, prevenindo infiltrações.

As patrulhas conjuntas são comuns no contexto das operações de paz, sendo integradas por elementos dos componentes militar e policial, podendo, ainda, contar com a participação de agências civis.

PATRULHAS NA MINUSTAH

Para facilitar o entendimento da atuação das patrulhas, a participação brasileira na MINUSTAH pode ser dividida em 4 (quatro) períodos distintos, a saber:

PERÍODO	INÍCIO	TÉRMINO
Primeiro	junho de 2004	1º semestre de 2005
Segundo	2º semestre de 2005	1º semestre de 2007
Terceiro	2º semestre de 2007	12 de janeiro de 2010
Quarto	12 de janeiro de 2010	final das operações

Primeiro Período:

(de junho de 2004 até o 1º semestre de 2005)

O primeiro período pode ser caracterizado pelo início da participação brasileira na MINUSTAH, em junho de 2004. Participação essa que foi traduzida no desdobramento da Brigada Haiti.

Evidenciaram-se, neste período, as peculiaridades doutrinárias do trabalho sob a égide das Nações Unidas. O correto

entendimento da missão a ser cumprida passou necessariamente pela compreensão do conceito de Operação de Manutenção de Paz Robusta, reforçando a necessidade de se prover à tropa maiores esclarecimentos sobre o tema, principalmente as condicionantes para o uso da força letal, uma vez que agora as ações da tropa estavam regidas pelo Capítulo VII da Carta da ONU, autorizando o uso da força letal para além da defesa própria ou de terceiros. Por exemplo, no desbloqueio de estradas ou defesa de instalações da ONU.

Os primeiros contingentes sofreram os impactos desta transformação, pois o treinamento recebido no Brasil não enfatizava este aspecto.

Um comandante do Pelotão de Polícia do Exército que integrou o 2º Contingente, no período de dezembro de 2004 a junho de 2005, relatou que o ambiente era bastante inseguro, que era normal a patrulha escutar disparos com armas de fogo e ver corpos abandonados na rua, existiam muitas milícias, sendo difícil saber quem era da PNH e quem era miliciano, pois ambos utilizavam uniforme da PNH. Diferente dos dias atuais, não jogavam pedras contra a tropa, executavam disparos com armamento e como hoje, parte da população apoiava as ações da MINUSTAH e parte repudiava. Em sua fração, um grupo de combate (GC) fazia segurança do Primeiro Ministro, um GC acompanhava o *Force Commander* nas operações e o terceiro GC fazia escolta do Comandante da Brigada Haiti. As patrulhas eram motorizadas, mecanizadas, conjuntas e a pé. Geralmente realizavam *static point* após uma patrulha motorizada. Os cidadãos eram abordados e alguns detidos com posse de droga e armamento. As forças adversas eram milícias que se concentravam nos bairros, por vezes, até duas milícias no mesmo local. Era difícil identificar e conversar com os líderes locais. Adentrar um bairro era bem complicado, pois os meliantes cavavam fosos que impediam a progressão dos blindados e colocavam tonéis com pedras no meio da rua para dificultar a passagem das viaturas leves. A patrulha mecanizada era realizada juntamente com a infantaria. A engenharia

facilitava a progressão com seus equipamentos desobstruindo rapidamente as vias. Os patrulhamentos compunham grandes operações, sendo precedidos de reconhecimento, reuniões com o componente policial, planejamentos, emissões de ordens para as subunidades, emissões de ordens das subunidades para suas frações. O desencadeamento da operação previa a ocupação de um local, usualmente terrenos ou instalações abandonadas, como base de apoio para saúde, prisão, alimentação, e desencadeamento de ações cívico-sociais (ACISO). As operações duravam de 04:00h às 17:00h. Quanto às melhores práticas, destacou-se as patrulhas conjuntas infantaria, cavalaria e engenharia e as coletas de informações por parte do G2 nos ACISO, facilitando a abertura de novas operações de patrulha.

Dessa forma, conclui-se que no 1º período da MINUSTAH o contingente brasileiro cumpriu tarefa precursora naquela missão. Demonstrou a capacidade brasileira de apoiar uma nação amiga em momentos de dificuldades, mas evidenciou a necessidade de conhecimento aprofundado sobre as peculiaridades do emprego de tropa sob a égide do Capítulo VII da Carta da ONU.

Segundo Período:

(do 2º semestre de 2005 até o 1º semestre de 2007)

Abrange o período em que as tropas brasileiras executaram as atividades militares autorizadas pelo Mandato da MINUSTAH, em sua totalidade. E a força letal foi empregada seguindo as *rules of engagement* (ROE), regras de engajamento, previstas. Essa postura contribuiu para a obtenção de um ambiente estável e seguro.

O grande desafio desse período foi realizar a desarticulação das gangues armadas que atuavam na AOR do Batalhão Brasileiro de Força de Paz (*Brazilian Battalion - BRABAT*). Essa tarefa se mostrou fundamental para que os componentes policial e civil pudessem incrementar suas ações em Porto Príncipe. A PNH não era dotada de recursos humanos e materiais para esse enfrentamento. Assim, o componente militar da MINUSTAH foi acionado.

Para atingir esse objetivo, utilizou-se plenamente o conceito do “uso da força” para o cumprimento do mandato, com a força letal sendo empregada contra as gangues. A conduta da tropa esteve totalmente alinhada com o preconizado pelas ROE.

Dependendo do local da AOR, as patrulhas eram lançadas de pontos fortes (PF), que é uma instalação normalmente situada em uma região sob controle de força adversa e com uma limitada capacidade de aquartelamento, que permite à tropa demonstrar ação de presença e exercer o controle sobre determinada

área. A partir de um PF, a tropa poderá lançar patrulhas a pé ou motorizadas de modo a aumentar a ação de presença na região.

Ao decorrer de uma patrulha motorizada ou mecanizada, era comum a realização de *checkpoints*, que se assemelham, na finalidade, aos postos de bloqueio e controle de estradas (PBCE), porém com montagem mais simples e meios escassos. Um *checkpoint* é um local guarnecido para permitir o controle do movimento e a inspeção de viaturas e pedestres, visando à imposição de medidas restritivas, ordens e determinações ou mostrar a presença da operação de paz às partes em conflito.

As patrulhas, de maneira geral, passaram a utilizar cada vez mais os armamentos não letais, tendo em vista a razoabilidade, progressividade e proporcionalidade no emprego dos meios de resposta às ações hostis da força adversa, conforme preveem as regras de engajamento.

Nesse período, o *BRABAT* foi empregado com a definição de uma área operacional de responsabilidade específica. A unidade recebeu a região onde se localizava o centro do poder político do Haiti, bairro de Bel Air, que contava com as sedes do governo e do parlamento daquele país, além da área de *Cité Soleil* que é considerada a porção mais carente daquela capital.

Destaca-se, ainda, que no período referenciado, foram desencadeados patrulhamentos para desbloqueio e limpeza dos eixos, com a retirada de materiais, tudo com o apoio da Cia E F Paz.

Nas localidades de *Cité Militaire*, *Pelé* e *Cité Simon*, verificou-se que as forças adversas se aproveitavam do pleno conhecimento do terreno, usando vielas e becos para realizar fogos sobre a tropa. Por ocasião das inúmeras operações de cerco e vasculhamento realizadas, foi-se, paulatinamente, conquistando a confiança da população e diminuindo a liberdade de ação dos bandidos, obtendo-se um significativo resultado. Tal estágio de tranquilidade ficou evidenciado pelo crescente retorno da população às suas casas e à intensa movimentação de comércio nas ruas, até altas horas da noite.

Após a declaração da vitória do candidato René Preval, seguiu-se um período de comemorações por toda a cidade e, posteriormente, um período de aproximadamente dois meses de calma, onde nenhum disparo de arma foi observado. As ações das forças adversas reduziram-se em muito, ocorrendo fatos esparsos de atos hostis contra as tropas brasileiras.

A chegada do segundo turno das eleições foi caracterizada pelos planejamentos e reconhecimentos para apoio ao pleito eleitoral (legislativo), apoio à segurança dos eventos relativos à posse presidencial e, também, pela adoção de medidas preparatórias para atender a intenção do *Force Commander* de substituição das tropas jordanianas em *Cité Soleil*.

Nesse período, ocorreu a alteração da AOR do batalhão brasileiro, com a realização de inúmeros *briefings* com o estado-maior do batalhão jordaniano para passagem da AOR do *BRABAT* e para recebimento das suas áreas.

Cabe ressaltar, ainda, a intensificação de movimentos mecanizados, não só para minimizar a possibilidade de atuação da força adversa sobre a tropa brasileira, como também para cumprir a diretriz do *Force Commander* de não mudar as rotinas jordanianas.

Merece destaque que no dia 17 de maio, às 06:00h, as tropas do batalhão brasileiro assumiram os *Checkpoints* 15 e 21 e o Ponto Forte 16, conforme previsto e sem reação da força adversa. Todavia, durante a primeira noite (de 17 para 18 de maio) as posições brasileiras foram alvo de fogos intensos e ajustados, ocasião em que a tropa reagiu com sucesso aos ataques, causando baixas na força adversa e consolidando as posições ocupadas.

As patrulhas a pé, mecanizadas e motorizadas



representaram a imensa maioria das atividades de patrulhamento durante todo o *BRABAT 4*.

Durante o período do *BRABAT 5*, foi verificado que alguns PF já não se faziam necessários como irradiadores de poder e consumiam uma quantidade de militares para sua manutenção. Decidiu-se por sair dos PF e disponibilizar mais militares para o patrulhamento ostensivo em *Bel Air*.

Outro ponto positivo na conquista do objetivo em pauta foi a integração com a *Formed Police Unit (FPU)* e a PNH que trabalharam juntamente com a subunidade a partir do Forte Nacional.

É importante frisar que o procedimento mais eficaz do patrulhamento é a conjunção do deslocamento da fração com a parada em um ponto e a realização de um *checkpoint* inopinado, com duração aproximada de meia hora.

Nas patrulhas conjuntas, foram alcançados resultados significativos com a FPU, que normalmente acompanharam as diversas patrulhas realizadas. Com relação à PNH, os problemas estruturais e culturais dessa polícia tornaram o trabalho conjunto muito difícil, entretanto o estabelecimento de uma comissária no Forte Nacional contribuiu para a consecução da meta.

Foram realizadas patrulhas marítimas em conjunto com a Guarda Costeira do Haiti, com pelo menos um GC fazendo a segurança da embarcação.

Para controlar *Simon*, foram executados patrulhamentos intensos e instalado um novo PF, no Hotel Simon, localizado no epicentro da região mais dominada pelos bandidos. A despeito da ocupação conturbada nos primeiros dias, em função da reação dos meliantes, isto possibilitou irradiar poder de dentro da área problemática, além de controlar as mais importantes vias de acesso da região.

Já em *Cité Soleil*, os eixos principais são as Ruas *Soleil* e *Soleil 9*, que foram constantemente patrulhadas e identificados alguns pontos dominantes, reconhecidos e ocupados por período de tempo indeterminado.

Posteriormente, este patrulhamento passou a ser expandido para outras ruas. Naquela época, a tropa patrulhou, praticamente, todas as ruas do bairro, em viaturas blindadas e a pé. A restrição permaneceu, ainda, sobre subáreas *de Boston e Bois Neuf*. No entanto, foram realizadas diversas ações nas margens destas subáreas, mantendo uma pressão constante.

Nesse período, pode-se observar pelas estatísticas dos relatórios que a maioria das patrulhas eram mecanizadas, o que é perfeitamente compreensível pelo fato de entradas em área não pacificadas serem forçadas para conquistar território e os confrontos com gangues armadas serem constantes.

A pacificação de *Cité Soleil*, conhecida como uma das favelas mais perigosas do mundo, foi o fato de maior repercussão durante a missão do *BRABAT 6*. Integrantes da MINUSTAH salientaram a rapidez das ações, membros do *Department of Peacekeeping Operations (DPKO)* da ONU saudaram como referência à eficiência do trabalho da ONU e a mídia internacional evidenciou que a alegria teria vencido o medo (reportagem de capa do *Miami Herald*). A região era tida como inexpugnável, área de atuação de bandidos que tinham apoio da população, que garantiam sua segurança. A reação dos bandidos era comparada aos movimentos de insurreição do Iraque. Talvez por isso, quando em pouco mais de dois meses o *BRABAT 6* patrulhava em segurança todos os becos de *Cité Soleil*, os experientes funcionários da MINUSTAH, com várias participações em missões de paz, tenham ficado surpresos.

A adoção de uma postura mais pró-ativa, respaldada pelas ROE, a realização de grandes operações e o início do trabalho conjunto com o componente policial foram as características principais que marcaram este período.

Terceiro Período:

(do 2º semestre de 2007 até 12 de janeiro de 2010)

O fato de grande destaque da MINUSTAH



particularmente por meio do patrulhamento a pé. Para isso, diminuiu o número de patrulhas empregando veículos blindados e incrementou as patrulhas motorizadas e homens a pé, com a tropa interagindo com a população e criando elevada sensação de segurança, empregou a *PERCOY* e a *BOLCOY* com ob-

nesse período foi o incremento da interação entre os componentes militar, policial e civil, coerentemente com a doutrina preconizada para esse tipo de missão, sendo intensificadas as operações e patrulhas conjuntas com a Polícia das Nações Unidas (UNPOL) e a PNH. O componente policial passou a ser o primeiro agente empregado para fazer frente aos incidentes ocorridos na área da missão.

As patrulhas, de maneira geral, passaram a utilizar cada vez mais os armamentos não letais, tendo em vista a razoabilidade, progressividade e proporcionalidade no emprego dos meios de resposta às ações hostis da força adversa, conforme preveem as ROE, uma vez que os confrontos com elementos armados diminuíram sensivelmente.

A força adversa se comportou de uma forma menos explícita que em outros períodos, pois além de já possuírem conhecimento das ROE que as tropas da ONU estão sujeitas, constataram que não conseguiriam obter êxito contra as forças militares. Estas forças militares desempenharam uma atividade operacional do tipo garantia da lei e da ordem (GLO), mais semelhante às operações de polícia.

A pacificação de *Cité Soleil* e *Cité Militaire* havia completado oito meses. Na sequência, o batalhão brasileiro acompanhou a situação, chegando à conclusão de que o ambiente nessas áreas se tornara seguro e estável.

O *BRABAT 7* tinha como um dos objetivos estratégicos incrementar a presença militar brasileira em toda zona de ação do *BRABAT*,

objetivo de potencializar a ação-presença da MINUSTAH em *Cité Soleil*, utilizando patrulhas e *checkpoints*, realizou patrulhas com apenas um elemento da PNH e dividiu as patrulhas das FPU em duas, com a finalidade de dobrar o número de patrulhas conjuntas.

Por determinação do *Force Commander*, as operações de cerco e vasculhamento passaram ser chamadas de “intensificação de patrulhas”. Essa medida foi adotada devido ao fato de que, para a ONU, não cabiam mais operações militares desse tipo no HAITI. Entretanto, pode-se afirmar que até o final das operações do 7º contingente, elas foram realizadas em *Cité Soleil* e *Bel Air*, apenas com cuidado de serem seletivas e contarem com a permissão dos moradores para entrada nas casas e com a presença da PNH (muitas vezes, um único policial).

As patrulhas tinham duração média de duas horas, tinham efetivo variável, nunca menos de uma esquadra, sendo que normalmente eram de valor GC, combinavam deslocamentos motorizados (da base até o local da patrulha) e a pé, muitas vezes estabelecendo *checkpoints*.

As patrulhas conjuntas foram tratadas com prioridade pelo *BRABAT 7*. No estabelecimento de um ambiente seguro e estável no Haiti, era fundamental conduzir a PNH, acompanhada da UNPOL. Essa medida também deu legalidade às prisões realizadas pela unidade e preservou a tropa da pesada burocracia ligada às prisões. O batalhão

também atuou com as FPU da China, Paquistão, Nigéria e Jordânia.

No BRABAT 8, percebeu-se a obsolescência do procedimento dos “pacotes de patrulha” e a necessária implementação de um novo método que trouxesse maior eficácia ao trabalho executado. Foi formulado um novo procedimento pela divisão da AOR em células (pequenos setores) visando identificar os locais que apresentavam maior número de ocorrências de ilícitos e hostilidades.

Outra prática importante foi o acompanhamento de patrulhas por equipes táticas de operações psicológicas, maximizando os efeitos desejados e esperados pelas mesmas. O grande diferencial das tropas brasileiras, em relação às demais organizações militares (OM) do componente militar da MINUSTAH é o patrulhamento a pé e a interação do soldado brasileiro com a população haitiana. O fato de o soldado brasileiro olhar no olho da população haitiana e o apoio do Destacamento de Operações Psicológicas, com o emprego de auto-falante e panfletagem, nas operações, contribuíram para a criação da confiança mútua, respeito e a identificação entre o militar brasileiro e a população haitiana.

Após o 11º Contingente, pode-se constatar que o terceiro período da MINUSTAH evidenciou grande evolução do trabalho conjunto entre os componentes policial, civil e militar.

Quarto Período:

(a partir de 12 de janeiro de 2010)

O marco que iniciou esse período foi o grande terremoto ocorrido no dia 12 de janeiro de 2010, com consequências gravíssimas, provocando a morte de cerca de 300 mil pessoas, incluindo 18 militares brasileiros e a destruição do quartel general da MINUSTAH, o que gerou o desdobramento de novos efetivos para apoiar o governo haitiano e reestabelecer a capacidade operacional da operação de paz.

O Brasil enviou para o Haiti um destacamento de bombeiros militares especializados em resgates, mais um Batalhão

de Infantaria de Força de Paz, além de reforços para a Companhia de Engenharia de Força de Paz e para o Destacamento Operativo de Fuzileiros Navais.

Nesse período houve grande demanda de trabalho interagências. A ONU precisou encontrar soluções práticas para coordenar o trabalho dos diversos atores que chegaram para prestar ajuda humanitária.

Um comandante de pelotão no 12º Contingente (de janeiro a julho de 2010), cuja AOR era *Cité Soleil*, nas subáreas de *Boston*, *Brooklin* e *Belecourt*, relatou que no período pós-terremoto não foi observado estruturação e ações de gangues locais contra a tropa. Apesar da AOR ser em *Cité Soleil*, a subunidade realizava distribuição de alimentos em toda Porto Príncipe.

A dependência da população em ajuda humanitária fez com que ações contra a MINUSTAH fossem praticamente nulas. O armamento não-letal, principalmente os gases pimenta e lacrimogêneo, foi empregado para controlar agitações populares próximas aos locais de distribuição de alimentos. Foi apenas em *Brooklin* que, no final da missão, a tropa passou a ser raramente hostilizada por pedradas. A subunidade mantinha uma rotina em sistema de rodízio entre os pelotões, sendo um vocacionado para missões de serviço, escoltas e outras inopinadas, outro pelotão voltado para patrulhamento na AOR, nível GC e Pel, e o último ocupava um ponto forte e lançava patrulhas, cujas mais frequentes eram a pé, motorizada e mista. Quando a patrulha era nível GC, o grupo deslocava-se a pé, percorrendo becos e vielas de toda AOR. Quando era motorizada, a patrulha estacionava em pontos pré-determinados e estabelecia *checkpoints* ou *staticpoints*. Quando era nível pelotão, eram estabelecidas, dentro da AOR, faixas de progressão, pontos de coordenação, pontos de ligação e outras medidas de coordenação e controle para que os GC realizassem suas atividades de forma descentralizada, porém, coordenadas. As forças adversas estavam desestruturadas, sem capacidade e, até mesmo, sem vontade para embates contra a tropa, devido à carência de



não letal (AM403-P). O motorista do GC levava o fuzil e sempre um AM-600 com munições lacrimogêneas. Os demais militares conduziam fuzil. Todos possuíam o *spray* com gás de pimenta. Nas atividades de patrulha, era dada ênfase à patrulha a pé. Durante as patrulhas, eram escolhidos locais que possibilitavam o estacionamento da viatura em segurança e 3 militares permaneciam na mesma, enquanto o restante patrulhava a pé. Além do patrulhamento diário da AOR, ocorriam patrulhamentos conjuntos com a UNPOL e a PNH.

material e necessidade de doações. A melhor prática adotada foi a liberdade de ação para os pequenos escalões e, como oportunidades de melhoria, a ausência de ponto forte específico para a subunidade e pouco conhecimento da função de combate inteligência por parte das frações.

Outro comandante de pelotão também compartilhou suas experiências quando integrou o 18º Contingente (de junho a dezembro de 2013), atuando na AOR de *Cité Soleil*. Relatou que o ambiente era um pouco complicado. Havia vários conflitos, principalmente na área de *Broklyn e Boston*, com indícios de envolvimento de políticos influentes nesse conflito. O conflito culminou na filmagem do confronto na Soleil 9 entre as gangues dos dois locais. Essa filmagem provocou a visita do *Special Representative of the Secretary-General (SRSG)* na área de *Soleil* e uma preocupação em relação à AOR. Houve uma intensificação do patrulhamento da região. As patrulhas diurnas eram feitas por GC de 8 militares. Os sargentos e os cabos conduziam fuzil e pistola. Cada GC conduzia 2 espingardas calibre 12 com 32 cartuchos de munição

Ocorreu, também, a participação na Operação *ALWAYS READY FOR PEACE*, na qual a tropa foi empregada em *static points* e *checkpoints* junto com os militares da Jordânia. Os GC realizavam simultaneamente patrulhas a pé e motorizada, sempre saindo da base de viatura para ter um apoio, caso necessitasse de um deslocamento mais rápido, apesar de inúmeras vezes o GC já iniciar o deslocamento na área que ele deveria patrulhar (peculiaridade da base de *Cité Soleil*, localizada no interior da AOR). Mesmo sendo possível o patrulhamento motorizado, o GC desembarcava e patrulhava a pé, para viabilizar o levantamento dos elementos essenciais de inteligência.

Após o confronto das gangues em *Broklyn e Boston*, o patrulhamento foi intensificado houve uma intensificação do patrulhamento. O patrulhamento diurno prosseguiu no nível GC, mas o noturno passou a ser feito no nível pelotão. Para realizar o patrulhamento mecanizado, a companhia de *Cité Soleil* recebia os VBTP EE-11 Urutus com os motoristas no período noturno.

Aconteciam muitos incidentes provocados

por brigas entre as gangues resultando disparos de armas de fogo na região. Houve apenas um caso de conflito com um dos pelotões da companhia, que evitou o confronto entre duas gangues na rua principal de Boston. Esse conflito não gerou danos colaterais nos civis. As forças adversas atuavam em gangues. Não entravam em conflito com a tropa e observavam a atuação, monitorando o destino da área de atuação da patrulha. Muitos conflitos não aconteciam devido à presença da tropa na rua. A disputa entre as gangues era financiada por políticos que disputavam o colégio eleitoral das regiões de *Cité Soleil*. Possuíam alguns armamentos de diversos calibres, o que ficou comprovado com o vídeo feito pela companhia no confronto da *Soleil 9* entre *Brooklyn*

e *Boston*. Mas, assim como é visto no vídeo, eles evitavam disparar, dando a entender o problema de ressurgimento de munição. Algumas vezes ouvia-se da base os disparos de arma de fogo na redondeza e a constatação de algumas mortes de pessoas ligadas às gangues. A melhor prática adotada na

companhia foi a adoção da sistemática de reuniões de inteligência toda a sexta-feira, envolvendo os comandantes de pelotão e de grupo, além do subcomandante e comandante da companhia. Dessa forma era possível difundir e compartilhar as experiências obtidas. Então, eventos que às vezes passavam despercebidos em relatórios ficavam mais claros juntando as experiências diversas ao longo do patrulhamento da semana, ouvindo diretamente do elemento que estava na ação. Esse método facilitou o fluxo de informações e manteve a tropa mais informada a respeito do trabalho a ser desenvolvido na área.

Como oportunidade de melhoria, alguns procedimentos que foram executados no Haiti poderiam ser adotados no Brasil. Um exemplo simples é adaptação da parte traseira da viatura Marruá com um estribo para embarque e desembarque e a remoção da tampa traseira. Essa foi uma dificuldade encontrada na Operação São Francisco, no complexo da Maré; algo que parece trivial, mas ajuda bastante na segurança da tropa durante o patrulhamento.

Desde 2015, já se visualiza uma estratégia de saída das forças da ONU do Haiti. Indicadores como a diminuição gradual dos efetivos militares, que está sendo implementada, e a atuação da PNH como primeiro elemento de segurança do país, já estabelecida por Diretriz

do *Force Commander*, apontam neste sentido.

Contudo, constata-se que o quarto período da MINUSTAH mostrou a necessidade da cooperação civil militar para atenuar os efeitos de uma grande catástrofe natural. No caso específico do Brasil, serviu também para evidenciar aspectos logísticos necessários ao rápido desdobramento de tropas.

As patrulhas mais comuns são as mistas (a pé e motorizada), com estabelecimento de checkpoints e staticpoints. As patrulhas mecanizadas ocorrem em grandes operações, com a finalidade de multiplicar o efeito dissuasório frente às forças adversas incipientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais, as atividades de patrulha não apresentam grandes diferenças quando confrontadas com outros contingentes dessa última fase. Em que pese a ocorrência de um desastre natural de grande magnitude, que foi a passagem do Furacão *Matthew*, devastando os Departamentos *Sud* e *Grand-Anse*, no mês de outubro de 2016, as técnicas, táticas e procedimentos foram mantidos.

Logicamente, as escoltas de ajuda humanitária foram bastante intensificadas pelo BRABAT 24 e prosseguiram durante o

BRABAT 25, sob o escopo da Operação NAP EDE AYITI. O batalhão ocupou uma antiga base do Uruguai, na cidade de *Les Cayes*, de onde partiam os comboios das diversas agências da ONU e de ONGs de vários países.

As patrulhas mais comuns são as mistas (a pé e motorizada), com estabelecimento de *checkpoints* e *staticpoints*. As patrulhas mecanizadas ocorrem em grandes operações, com a finalidade de multiplicar o efeito dissuasório frente às forças adversas incipientes.

Nesse período final, destacou-se o apoio do componente militar ao pleito eleitoral haitiano, por meio da Operação ECCLESIA IV e V, conduzido sem maiores percalços.

Um fato que gerou alguma perturbação da ordem pública foi a prisão do candidato a senador eleito Guy Philippe, gerando alguns protestos mais violentos na porção sudoeste do país, o que motivou o reforço de tropas da MINUSTAH naquela região, com intensificação de patrulhamentos.

As patrulhas conjuntas com a UNPOL e a PNH tem sido realizadas no contexto da Operação FOK SÁ SISPANN, em *Cité Soleil*, onde são estabelecidos *checkpoints*, com o

intuito de coibir ilícitos na região. Também são realizadas patrulhas conjuntas com a UNPOL e a PNH, no Lago *Azuei*, com o objetivo de proteger a área de fronteira.

As patrulhas helitransportadas ficam restritas ao emprego da reserva do *Force Commander* como força de reação rápida (*quick reaction force* - QRF), porém sua capacidade de atuação é restrita, devido ao isolamento da fração, à pouca mobilidade após o desembarque e às limitações de zona de pouso de helicópteros (ZPH).

Com a MINUSTAH encaminhando-se para o final, estuda-se a melhor maneira de colocar em prática essa desmobilização, considerando sempre que a transição da responsabilidade por manter um ambiente seguro e estável já vem sendo aplicada com o aumento do efetivo da PNH e sua atuação em primeiro escalão nas ações cotidianas, bem como com a redução do componente militar da ONU.

Entretanto, há que se considerar que o Haiti é um país vulnerável a desastres naturais e, historicamente, não convive com grandes períodos de estabilidade política, o que pode causar reviravoltas inesperadas.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Estado Maior do Exército. C 95-1. **Operações de Manutenção da Paz**. 2ª Edição. 1998.
- BRASIL. Comando de Operações Terrestres. CI 21-75. **Patrulhas**. 1ª Edição. 2004.
- BRASIL. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN-1-8. **Manual de Operações de Paz dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais**. 1ª Revisão. 2009
- BRASIL. Estado Maior do Exército. **Relatórios dos BRABAT 2 ao 20**.
- CAVALCANTI, Carlos Alberto de Moraes. **Os 10 anos de MINUSTAH e o CCOPAB**. 2014.
- NUNES, José Ricardo Vendramini. **Treinamento para o Batalhão Brasileiro Desdobrado na MINUSTAH: A Consolidação de um Modelo**. 2014.

